

TOMÁS DE AQUINO NO AMBIENTE FILOSÓFICO DO SÉCULO XXI.

*Ivanaldo Santos*¹ – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar alguns caminhos de atuação e de presença da obra de Tomás de Aquino no ambiente filosófico do século XXI. Entre esses caminhos cita: a ética e a metafísica. Por fim, afirma-se que se o século XXI deseja ser um século diferente, do século XIX e XX, um século com mais harmonia, com mais beleza e mais presença da divindade, então um dos pensadores, por excelência, desse século é Tomás de Aquino.

Palavras-chave: Tomás de Aquino, Filosofia, Século XXI.

Abstract: The main aim of this article is to present some ways of acting and of presence of Thomas Aquinas' works in the philosophical environment of twentieth century. Among these paths we cite: ethics and metaphysics. Finally, it is stated that twentieth century wants to be different century from the nineteenth and twenty-first centuries, a century more harmonic, more beautiful, and with more presence of the deity, then one of the thinkers, per excellence, in this century is Thomas Aquinas.

Keywords: Thomas Aquinas. Philosophy. Twenty-first century.

A filosofia contemporânea, que nasceu no final do século XVIII, vive atualmente, ou seja, no início do século XXI, um momento de crise, de perplexidade e até mesmo de reconstrução. Chega-se ao ponto de se falar, por exemplo, no fim da filosofia, no fim da metafísica e no fim da racionalidade e da tentativa de construir qualquer tipo de projeto ético e humanizador. Por mais que haja vozes otimistas que digam, por exemplo, que tudo está bem dentro da filosofia, que ela é perene, é muito difícil não aceitar o fato de que a

¹ Filósofo, pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

filosofia passa por um momento de crise dentro de sua estrutura de refletir e pensar o mundo, o homem e a sociedade.

No entanto, é preciso ver que, de um lado, sempre a filosofia esteve em crise. Desde os gregos antigos, representados, por exemplo, por Sócrates, Platão e Aristóteles, passando pelos filósofos medievais e pelos modernos, a filosofia passa por constantes, duros e críticos momentos de crise. Por incrível que pareça, desde o seu nascimento, no século V a. C., a filosofia corre o sério risco de desaparecer. No entanto, são esses momentos de crise, o perigo de desaparecer, que conduzem os filósofos a novas experiências de reflexão, a irem à busca da verdade e da objetividade do pensar. Para a filosofia, a crise, antes de ser um sintoma de uma doença, é um sinal de esperança, de renovação e de aventura, dentro do universo da reflexão.

Do outro lado, a crise que se estabeleceu na filosofia contemporânea, especialmente no final do século XIX e durante todo o século XX, não é uma simples crise estrutural ou histórica. Essa crise não é um simples problema de interpretação conceitual, de validade de algum silogismo ou então de filiação a uma corrente de pensamento. É uma crise profunda, uma crise de fundamento ôntico, epistemológico, metafísico e ético, que abala os fundamentos mais profundos do pensamento ocidental. Uma crise que, entre outras coisas, nega ou duvida da existência de Deus, da verdade e do homem; que diz que a realidade é uma ilusão; que prega uma transformação radical da sociedade por meio da história, da evolução biológica, da vida prática e até mesmo da violência. Uma crise que vê com desconfiança e desdém tudo o que o homem fez e produziu antes do advento da modernidade, mais especificamente, antes do século XVIII. É como que, por causa da história ou do acaso, a humanidade tivesse nascido apenas no século XVIII. Nessa perspectiva, todos os acontecimentos anteriores ao século XVIII, incluindo o surgimento e desenvolvimento da própria filosofia, não passa de pré-história da humanidade.

De acordo com Franca de D'Agostini², o século XX produziu uma grande desconfiança em torno da filosofia. Segundo o autor, de um lado, criou-se uma forte suspeita que a filosofia, como tal, não exista. Dessa forma, ela seria apenas um resíduo inútil da cultura ocidental, incapaz de dialogar com as outras formas de saber e de responder aos problemas atuais, ou então uma visão subjetiva do mundo, uma autobiografia do seu autor, ou seja, do filósofo, formulada em formas linguísticas semelhantes à da poesia. Do outro lado, no século XX a filosofia, enquanto metafísica e/ou ontologia, deixou de

² D'AGOSTINI, F. *Analitici e continentali: guida alla filosofia degli ultimi trent'anni*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1997, p. 3-4.

existir e passou a ser apenas uma filosofia aplicada à política (filosofia da política), à estética (filosofia da estética), à ciência (filosofia da ciência), à religião (filosofia da religião) e a outros ramos do saber humano.

Já para Márcio Antônio de Paiva³, o século XX produziu uma espécie de *cultura do fim*, marcada por tentativas de estabelecer o fim da filosofia, o fim da metafísica, o fim da história, o fim do Ocidente e outras possibilidades de finitude. Nesse sentido, é possível afirmar, fundamentado por Ivaldo Santos⁴, que o século XX produziu uma cultura apocalíptica, com o intuito de destruir a tradição filosófica e os valores tradicionais do Ocidente. Essa cultura chegou ao seu radicalismo com Gianni Vattimo⁵, quando ele afirma, dentre outras coisas, que o fim da metafísica está associado ao fim do colonialismo e do eurocentrismo.

Para Gianni Vattimo⁶, o Ocidente nasceu da junção, do casamento entre o pensamento filosófico grego e a mística e a espiritualidade cristã vindas do Oriente, especificamente de Jerusalém. O Ocidente seria, dentre outras coisas, o fruto do encontro entre Atenas e Jerusalém. O encontro entre essas duas culturas, tão diferentes e tão apaixonantes, com sua racionalidade, sua lógica e sua fé, teve como consequência o nascimento da civilização ocidental. O problema, segundo ele, é que tanto a filosofia, entendida como *logos* grego, junto a vida mística, identificada com a Igreja e com o Evangelho, não sustentam mais a dinâmica e o crescimento cultural e social do Ocidente.

Para Gianni Vattimo, a racionalidade, as ideologias políticas e as formas de vida produzidas a partir do século XVIII são contrárias à filosofia oriunda da Grécia antiga e da pregação dos missionários cristãos. Para ele, o Ocidente, tal qual foi pensado por Platão e Santo Agostinho, está em plena decadência. No lugar do Ocidente está nascendo uma nova civilização, uma civilização neopagã e com um novo *logos* criativo. Enquanto essa nova civilização não nasce totalmente, isso deverá durar ainda alguns séculos, é preciso haver uma convivência entre as duas estruturas societárias. De um lado, o velho Ocidente, cristão e guiado pela filosofia, e, do outro, a nova civilização, neopagã, pós-ocidental, com uma nova forma de pensar e novas formas de organização social. De acordo com a tese defendida por Gianni Vattimo, a

³ PAIVA, M. A. Fim da filosofia: uma imagem da filosofia contemporânea. In: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 33-48, setembro. 2004.

⁴ SANTOS, I. Joaquim de Fiore e os novos círculos joaquinitas. In: *CiberTeologia*, São Paulo, v. 1, p. 62-71, 2008.

⁵ VATTIMO, G. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

⁶ VATTIMO, G. A filosofia e o declínio do Ocidente. In: *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 10, junho 1999, p. 43-51.

morte da filosofia é definitiva e, em grande medida, nada ou pouca coisa pode ser feita para impedir essa morte.

Todavia, é preciso observar que o pensamento de Gianni Vattimo é fundamentado e guiado pelo niilismo oriundo de Nietzsche. Um niilismo que duvida ou nega a existência de todos os valores que criaram e dão sustentação ao Ocidente. Entre esses valores, encontra-se a filosofia. Por sua vez, Nietzsche faz parte do conjunto de autores que, segundo Ives Gandra da Silva Martins, compõem as *teorias da negação*.

Para Ives Gandra da Silva Martins⁷, o século XX foi marcado, dentre outras coisas, por teorias e, conseqüentemente, pela existência de pensadores que negam os valores permanentes e naturais do homem e da sociedade. São as chamadas *teorias da negação*. Teorias que, dentre outras coisas, negam a existência de Deus – chegam até mesmo a afirmar a morte de Deus –, a primazia da família, do casamento, da maternidade e o imenso valor de qualquer manifestação da vida humana.

As teorias da negação são sustentadas, principalmente, por pensadores, como, por exemplo, Nietzsche – filósofo que dá sustentação à tese defendida por Gianni Vattimo –, Freud e Marx. Esses pensadores, conhecidos como *vozes discordantes ou mestres da suspeita*⁸, criaram teorias que colocam em xeque os valores fundamentais da sociedade (Deus, família, maternidade, vida, etc). No tocante, por exemplo, a Freud e Marx, autores muito populares no século XX, Francisco Borba Ribeiro Neto afirma tratar-se dos “pais da cultura do fracasso”⁹, pois em ambos o ser humano não conhece aquilo que existe, mas aquilo que lhe é dado conhecer, em função de suas determinações sociais ou psicológicas. O problema é que, se esse postulado for realmente correto, então nada dentro da realidade será possível e tudo não passa de ilusão. Com isso, só restará ao indivíduo uma vida de frustração e até mesmo o suicídio.

O problema não é criar teorias que duvidam da verdade, tal como procedeu a filosofia contemporânea, pois, em grande medida, são essas teorias que ajudam o aperfeiçoamento da própria verdade. O problema é quando essas teorias são tomadas como a própria verdade e, por conseguinte, levadas às últimas conseqüências. Assim sendo, quando isso aconteceu, o ser humano, principalmente no Ocidente, viu-se perdido e sem um fundamento que

⁷ MARTINS, I. G. da S. As contradições do homem. In: SOUZA, C. A. M.; CAVALCANTE, T. N. (Orgs.). *Princípios humanistas constitucionais: reflexões sobre o humanismo do século XXI*. São Paulo: Letras Jurídicas, 2010, p. 27-29.

⁸ PEREIRA, A. A. O estertor da modernidade. In: *Revela*, ano III, n. 5, jun./ago. 2009, p. 2.

⁹ RIBEIRO NETO, F. B. Humanismo, natureza e experiência. In: SOUZA, C. A. M.; CAVALCANTE, T. N. (Orgs.). *Princípios humanistas constitucionais: reflexões sobre o humanismo do século XXI*. São Paulo: Letras Jurídicas, 2010, p. 155.

pudesse ajudá-lo. O homem mergulhou na angústia, no vazio e numa falsa visão de que *tudo é possível*. É por causa dessa visão de que *tudo é possível* que o homem contemporâneo vive em busca de construir um pensamento e uma experiência social que seja pós-filosófica, pós-ocidental, pós-metafísica, pós-ética e outras possibilidades de inovação.

As teorias que duvidam da verdade foram sustentadas, durante o último século, em grande medida, pela crítica à religião. Essa crítica, por sua vez, foi fundamentada pelo refrão, criado por Karl Marx, que diz ser a religião o “ópio do povo”¹⁰ e pelo famoso aforismo 125, da *Gaia ciência* de Nietzsche, que afirma que “Deus está morto e nós o matamos”¹¹. Esse tipo de crítica radical foi um dos sustentáculos da tentativa de destruir o saber Ocidental e, com isso, criar uma cultura pós-filosófica e pós-ocidental.

No campo da economia e das experiências da administração do Estado, o niilismo e o pessimismo também se fizeram presentes. Apesar do grande avanço tecnológico e científico, da melhoria das condições de vida e do aperfeiçoamento da vida urbana, houve grandes e sérios problemas dentro da sociedade contemporânea. De um lado, o liberalismo provocou grandes crises econômicas, trazendo, por conseguinte, grande sofrimento ao ser humano. Do outro lado, o marxismo e o socialismo, promessas de uma redenção não religiosa, uma salvação puramente material e histórica, mostrou-se, na prática, ser inviável. Sobre essa questão Robert Kurz¹² afirma que o fracasso do socialismo, um fracasso tanto teórico como prático, não teve um tom trágico derivado apenas da sua similaridade com a sociedade capitalista, que ousou criticar, mas também porque fez calar quase toda voz dissonante originada do seio desse sistema.

A análise de Robert Kurz sobre o marxismo e o socialismo deve ser levada em consideração. Ele que foi um dos maiores pensadores da esquerda durante o período pós-década de 1970, ajudou a construir um neomarxismo carregado de autocrítica e de reconhecimento dos limites ideológicos e políticos do socialismo. É por esse motivo que a conclusão a que ele chega, qual seja, o fracasso do socialismo, só aprofunda ainda mais o sentimento de perda e do vazio, o niilismo radical vivido na sociedade contemporânea. Sem a possibilidade messiânica da concretização do socialismo, o reino de perfeição secular e material, que teoricamente não precisaria de Deus ou de algum tipo de salvação redentora, o homem contemporâneo constata que o sonho de

¹⁰ MARX, K. *A Questão Judaica*. São Paulo: Centauro, 2000, p. 85-86.

¹¹ NIETZSCHE, F. *A Gaia ciência*. In: *Obras incompletas*. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

¹² KURZ, R. *Os últimos combates*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 145-146.

dominar sozinho a realidade, a ideia de Nietzsche de que a humanidade matou Deus, não se tornará viável e, por conseguinte, esse mesmo homem constata, com tristeza, que está só e que o vazio existencial não foi preenchido pelas ideologias materialistas e imamentistas.

Além disso, é preciso ter consciência, conforme demonstra Walter Benjamin¹³, que o sonho, trazido pelas promessas da modernidade e do iluminismo, de uma vida mais prazerosa, com menos trabalho e fadiga física, com mais tempo livre, com mais descanso e mais liberdade, não se tornou realidade. Pelo contrário, a modernidade, em sua fase de maturidade, especialmente no século XX, terminou trazendo para o ser humano novas formas de aprisionamento, de sofrimento e de barbárie. Não é mais a barbárie criada pela fé e pela Igreja, tal qual foi denunciada pelos filósofos iluministas, mas a barbárie criada pela ciência, pela razão, pelo Estado, pelo mercado de consumo, pelas ideologias políticas, incluindo o socialismo. A modernidade não cumpriu suas promessas de emancipação do ser humano; pelo contrário, em grande medida, mergulhou a humanidade em uma nova era de trevas, de sofrimento e de guerras.

É por causa de todos esses problemas, descaminhos e desilusões, provocados pelas promessas oriundas da filosofia contemporânea, que o Papa Leão XIII, na encíclica *Aeterni Patris*, afirma que, diante da filosofia contemporânea, “não se colhem os frutos desejados e saudáveis que a Igreja e a própria sociedade civil desejariam”¹⁴.

É preciso esclarecer que tanto a Igreja quanto a sociedade civil esperam que a filosofia e as ciências humanas produzam frutos de compreensão e aprimoramento da pessoa humana e da vida social. No entanto, a filosofia contemporânea, apesar de todos os avanços no campo dos estudos da linguagem, da lógica, da ciência e de outras áreas, está carregada por uma “onda de erros”¹⁵ trazida por “doutrinas cheias de erros e falácias”¹⁶.

O que fazer diante de um diagnóstico tão problemático? Será que a filosofia realmente acabou? Depois de aproximadamente 2.500 mil anos de saber filosófico, chegamos ao final da epopeia do pensamento?

¹³ BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 69.

¹⁴ PAPA LEÃO XIII. *Aeterni Patris*. *Da instauração da filosofia cristã nas Escolas Católicas, segundo a mente de Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico*, In: *Aquinate*, Niterói, n. 12, 2010, p. 117-151. n. 19.

¹⁵ PAPA LEÃO XIII. *Aeterni Patris*. *Da instauração da filosofia cristã nas Escolas Católicas, segundo a mente de Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico*. op., cit, n. 17.

¹⁶ PAPA LEÃO XIII. *Aeterni Patris*. *Da instauração da filosofia cristã nas Escolas Católicas, segundo a mente de Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico*. op., cit, n. 16.

Não se pode cair em um niilismo radical, que diz que toda forma de filosofar está morta. Esse tipo de armadilha só fortalece ainda mais a cultura de vazio e de destruição presente na sociedade contemporânea; só aumenta ainda mais o sentimento de que a vida não tem sentido e que a morte, antes de ser um fim biológico para o homem, é a única possibilidade de realização pessoal.

É preciso perceber, conforme esclarece Márcio Antônio de Paiva¹⁷, que falar em *fim da filosofia* também é refletir filosoficamente e que as contribuições da crítica filosófica, que muitas vezes estiveram presas à dimensão da “estrutura do enunciado”¹⁸, mas conseguindo chegar até as “consequências práticas do enunciado”¹⁹, não podem ser vistas como um puro e definitivo abandono do pensar filosófico. Pelo contrário, “todo esse processo de crítica, por meio da reflexão sobre a linguagem, a lógica e a ciência, abriram novas possibilidades de se refletir tanto sobre a tradição filosófica, herdada dos gregos antigos, quanto de se constituir novos problemas filosóficos”²⁰.

Por tudo isso é possível se afirmar que a filosofia, longe de estar morta, está à beira dos velhos problemas que ainda não encontraram uma resposta satisfatória, e, ao mesmo tempo, dos novos problemas que desafiam a arte de pensar.

Diante de tudo isso, questiona-se: qual é o papel de Tomás de Aquino, um dos grandes gigantes do pensamento ocidental, na filosofia presente no século XXI? Um século que, em tese, deve, de um lado, retomar, com uma apurada crítica, os problemas filosóficos clássicos e, do outro lado, deve ser capaz de pensar os novos problemas oriundos da modernidade, da ciência, da técnica e de outras dimensões.

É preciso ver que Tomás de Aquino é um dos pouquíssimos pensadores capaz de provocar grandes debates e, por conseguinte, repercussões dentro da filosofia. Suas ideias, silogismos e proposições são debatidos, com afinco, por grande número de especialistas na filosofia, em alguma outra área das ciências humanas e até mesmo pelo público leigo. Foram suas ideias que deram origem a um dos movimentos de maior repercussão no cenário intelectual do Ocidente. Trata-se do neotomismo²¹.

¹⁷ PAIVA, M. A. *Fim da filosofia: uma imagem da filosofia contemporânea*. op., cit, p. 47.

¹⁸ RESWEBER, J. P. *A filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1982, p. 8.

¹⁹ RESWEBER, J. P. *A filosofia da linguagem*. op., cit, p. 14.

²⁰ SANTOS, I. Reflexões sobre a relação entre Wittgenstein e as preocupações contemporâneas da filosofia. In: *Princípios*, UFRN, v. 18, 2011, p. 324.

²¹ Existe uma grande produção intelectual que fala das origens, do progresso, dos debates e avanços do neotomismo. É demasiado cansativo apresentar toda essa rica produção. No entanto, a título de exemplo, recomendam-se os seguintes textos: ANDRADE, C. V. El

No Brasil, um dos primeiros a tentar dar uma resposta a essa inquietante e necessária pergunta foi o padre jesuíta Henrique Cláudio de Lima Vaz, mais conhecido nos círculos de intelectuais apenas como Lima Vaz. De acordo com Marcelo Perini²², Henrique Cláudio de Lima Vaz é considerado por muitos estudiosos o “maior filósofo brasileiro”. De suas mãos saiu a “mais consistente obra filosófica já produzida no Brasil”.

Além disso, para Sávio Laet de Barros Campos²³, Henrique Cláudio de Lima Vaz conseguiu realizar uma profunda pesquisa sobre a filosofia moderna a partir da obra de Tomás de Aquino e de outros pensadores cristãos, como, por exemplo, Santo Agostinho e o Pseudo Dionísio, o Areopagita. De um lado, Henrique Cláudio de Lima Vaz buscou compreender as origens e reais intenções da filosofia moderna. Do outro lado, inspirado no movimento provocado pelo Concílio Vaticano II, que desejava, dentre outras coisas, uma volta da Igreja as suas origens apostólicas e patrísticas, ele empreendeu uma leitura da obra de Tomás de Aquino, que buscava fugir ou evitar as interpretações canônicas dessa obra feitas pelos comentadores, historiadores e pensadores, os quais se resguardaram, durante longo período histórico, por

movimiento neotomista. In: *Thesaurus*, Colômbia, Tomo XL, N. 2, 1985, p. 328-348. BEUCHOT, M. *El tomismo en el México del siglo XX*. México: UNAM-UIA, 2004. CAMPOS, F. A. *Tomismo e neotomismo no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968. CAMPOS, F. A. *Tomismo hoje*. São Paulo: Loyola, 1989. DEZZA, P.. *Alle origini del neotomismo*. Milano: Fratelli Bocca, 1940. DOMINGUES, b. h. Neotomismo e ciência moderna: a revolução científica na península Ibérica. In: *Congresso Scientiarum Historia III*. Rio de Janeiro, 2010, p. 91-95. LOBATO, A. León XIII e El neotomismo. In: BARQUILLA, J. B.; GARCIA, A. G. (Coord.). *León XIII y su tiempo*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, Servicio de Publicaciones, 2004. ROBLES, O. El movimiento filosófico neo-escolástico en México. In: *Filosofía y Letras*, N. 23, 1946. SANTOS, I. A relação entre o neotomismo e o tomismo analítico. In: *Agora Filosófica*, UNICAP, v. 1, p. 43-54, 2010. SILVA, I. C. Filosofia perene e escolástica atual. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, T. 16, Fasc. 2, abril.jun. 1960, p. 208-217. VALBUENA, O. P. Actualidad de la filosofía escolástico-tomista en Norteamérica. In: *Salmanticensis*, N. 2, 1955, p. 90-102. VAN ACKER, L. *O tomismo e o pensamento contemporâneo*. São Paulo: EDUSP, 1983. VIA, V. La. La piú recente attività neo-scolastica in Italia. In: *Giornale Critico della Filosofia Italiana*, 1923, p. 231-271. ZILLES, U. A filosofia neotomista e sua influência no Brasil. In: *Grandes tendências da filosofia do século XX e sua influência no Brasil*. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

²² PERINE, M. Violência e nihilismo. O segredo e a tarefa da filosofia. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 106, dez. 2002, p.108.

²³ CAMPOS, S. L. B. Henrique Cláudio de Lima Vaz: do pensamento tomista ao pensamento tomásico. In: *Filosofante*, 2011, p. 1-12. Ainda sobre a pesquisa que Henrique Cláudio de Lima Vaz realizou sobre Tomás de Aquino, recomenda-se consultar: OLIVEIRA, J. A. Presença de Tomás de Aquino no pensamento de H. C. de Lima Vaz. In: *Aquinate*, Niterói, n. 20, 2013, p. 11-27.

meio do rótulo de *tomistas* ou de *tomismo*. Por causa disso, ele procurou fazer uma interpretação direta e fidedigna da obra do Aquinate. Uma interpretação que pode ser classificada como *tomásica* ou *tomasiana*, ou seja, a interpretação do *corpus* de Tomás de Aquino a partir da própria obra e do ambiente histórico e cultural em que ele viveu, ou seja, o século XIII.

Todo esse esforço resultou em uma série de estudos sobre o século XIII, período histórico em que viveu o Aquinate, sobre as origens da modernidade e sobre vários pensadores, incluindo o próprio Tomás de Aquino.

Henrique Cláudio de Lima Vaz publicou, originalmente em 1998, um artigo, cujo título é *Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI*²⁴, que trata justamente do papel que o Doutor Angélico poderá desempenhar no século XXI.

Para ele, a filosofia assume como tarefa *pensar* tematicamente seu próprio passado, unir *anámmesis* e *nóesis*, e, nessa rememoração pensante, reinventar os problemas que lhe deram origem; e, assim, cumprir o destino que, segundo Hegel, está inscrito na sua própria essência, ou seja, captar o tempo no conceito, o tempo que foi e o tempo que flui no *agora* do filosofar. Essa tarefa teórico-prática é enfocada no referido artigo que trata do papel de Tomás de Aquino no século XXI. Henrique Cláudio de Lima Vaz, após afirmar que a formação histórica da chamada modernidade está provavelmente chegando ao seu fim, ao qual seguir-se-ia a passagem da modernidade como *programa* de civilização para a modernidade como *forma* definitiva de uma civilização; isto é, a forma do *existir* sob a norma da técnica-ciência, regendo todos os campos da atividade humana, esboça um lugar possível para Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI, onde se destacam três elevações: história, metafísica e ética. O prognóstico de um novo surto do pensamento metafísico é formulado em face do dilema não apenas *teórico*, mas eminentemente *prático* que se arma em torno da maneira de viver e interpretar a relação do ser humano com o domínio da realidade *objetiva*, dita *relação de objetividade*, e que estrutura o seu *estar-no-mundo*. Na relação de *objetividade*, que prevalece na cultura, a realidade do mundo passa a oscilar cada vez mais entre, de um lado, a *objetividade produzida* pela atividade técnica e materializada nos *objetos* da produção técnico-industrial e, de outro, a *objetividade dada* ao ser humano na sua experiência original e fundante, experiência metafísica por definição, da transcendência do *Ser* sobre a finitude dos *seres*. Ora, essa experiência propriamente metafísica implica, em última análise, em virtude do dinamismo da *afirmação*, a posição de um Absoluto na ordem da existência.

²⁴ LIMA VAZ, H. C. Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI. In: *Escritos de filosofia VII: Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 239-260.

Para Henrique Cláudio de Lima Vaz, essa mesma tarefa já tinha se esboçado como exigência de retomar a vocação pedagógica, que inspira a filosofia desde a sua origem. A reflexão, realizada por Henrique Cláudio de Lima Vaz, sobre a relação entre ética e justiça converge para a afirmação de que o caminho para superar os impasses em que a humanidade se encontra atualmente estaria, talvez, na retomada da primeira revolução antropológica da tradição filosófica, realizada no século V a. C., iniciada pela descoberta socrática da *psyché* como dimensão da interioridade humana portadora do *lógos*, capaz de abrir-se à universalidade do bem para se tornar sede da virtude e princípio interior da vida na justiça. Aquela revolução antropológica, imortalizada por Platão no *Fédon*, considerada também por Henrique Cláudio de Lima Vaz como a carta magna do pensamento ocidental, dirige a atenção para a tarefa ontológica de pensar o ser humano não apenas como produto da técnica-ciência, mas como um ser-no-mundo aberto à ética e à realização da justiça.

O artigo *Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XX*, de Henrique Cláudio de Lima Vaz, é importante para o debate que está sendo proposto. Apontam-se três motivos para essa importância, os quais explicamos a seguir.

Primeiro, Henrique Cláudio de Lima Vaz apresenta Tomás de Aquino como sendo um filósofo universal e não preso à Idade Média. Esse fato é de suma importância, pois uma marca do pós-Segunda Guerra Mundial é tentar “prender” o Aquinate dentro da Idade Média. Essa tentativa é feita tanto por amplos setores da filosofia contemporânea ligados ao niilismo, ao materialismo e a alguma outra corrente de pensamento que critica a metafísica, quando por setores da própria intelectualidade católica que, em busca de novas teorias e estruturas de pensamento, procuram rejeitar, com certa pressa e sem a devida análise, a obra de Tomás de Aquino.

Segundo, Henrique Cláudio de Lima Vaz faz uma ampla ligação entre a filosofia antiga, especialmente com Platão, e a modernidade; essa ligação é intermediada por Tomás de Aquino. Isso torna o Aquinate um pensador fundamental para se compreender, analisar e até mesmo criticar a tradição filosófica. Em Henrique Cláudio de Lima Vaz, a filosofia não começa, como muitos desejam, com Hegel, com Marx, com Heidegger ou com algum filósofo contemporâneo, mas na Grécia antiga, e amadurece na Idade Média, especialmente com a produção das ideias de Tomás de Aquino.

Terceiro, Henrique Cláudio de Lima Vaz coloca, como centro da filosofia, a ética e a justiça, o respeito pela dignidade da pessoa humana. Esse centro, segundo ele, tem sua origem com o *Fédon* de Platão, passa por Aristóteles, chega a patrística e amadurece com Tomás de Aquino, para,

enfim, poder desaguar na filosofia moderna e, por conseguinte, na luta pelos direitos humanos.

Para Henrique Cláudio de Lima Vaz, o *Fédon* é o primeiro texto produzido na filosofia que trata da alma, da psique e, por isso, traz um debate ético sobre os problemas metafísicos e de finitude do homem. Antes do *Fédon* havia uma discussão abstrata sobre o ser, o não-ser e o devir, mas uma discussão sem conexão com a realidade humana. Se for verdade, como dizem vários historiadores da filosofia, que Sócrates trouxe para a filosofia a reflexão sobre o método, o ensino e a educação, Platão, com o *Fédon*, introduziu na filosofia a discussão metafísica sobre o que é mais nobre no homem, e, por esse fato, precisa ser protegido e resguardado.

Vale salientar que o *Fédon* foi uma das fontes, entre outras, de discussão e de fundamentação teórica da Patrística e de grande parte das escolas de pensamento cristão. Inclusive o *Fédon* chegou a ser visto, por muitos grupos de cristãos, como um livro que antecipou a vida pública e a pregação de Jesus Cristo. Justamente Jesus Cristo que, na tradição da Igreja, é o “verdadeiro e justo juízo” (Apocalipse 16, 7)²⁵, o “último Adão” (I Coríntios 15, 45), que não foi dominado pela corrupção e pela impiedade e que, por causa disso, é o único capaz de fazer “novas todas as coisas” (Apocalipse 21, 5). Para esses cristãos, assim como João Batista foi o precursor de Jesus Cristo, aquele que “veio antes” (João 1, 27), e “preparou os seus caminhos” (Lucas 1, 76), da mesma forma fez Platão, principalmente com o *Fédon*. Com isso, Platão seria a versão filosófica do místico João Batista e, por causa disso, ajudaria a Jesus Cristo em sua missão de Salvação da humanidade.

Na leitura de Henrique Cláudio de Lima Vaz, a releitura cristã do *Fédon* marcou o início de uma das maiores experiências da humanidade, qual seja, a junção, nem sempre amistosa, entre a filosofia grega e a mística cristã, entre Atenas e Jerusalém; junção essa que fundamentou quase toda a cultura ocidental e que vai ser radicalizada por Tomás de Aquino, no século XIII. A busca pela ética, pela justiça e por resguardar os direitos fundamentais da pessoa humana seria uma das diversas consequências que nasceram dessa junção. O problema é que a modernidade, enquanto projeto civilizatório pautado na técnica-ciência, estaria desenvolvendo um rumo histórico que se afasta perigosamente do plano de resguardar os direitos fundamentais da pessoa humana. Um plano que nasce com o *Fédon* e é radicalizado em Tomás de Aquino. A proposta de Henrique Cláudio de Lima Vaz, no artigo *Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI*, não é de revisão da

²⁵ Todas as citações ou referências a *Bíblia* foram retiradas da seguinte versão do texto sagrado: BÍBLIA. Versão Jerusalém. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

civilização técnico-científica, mas de incorporação, por parte dessa civilização, em seu projeto de emancipação humana, a dimensão da ética e da justiça.

O fato de Henrique Cláudio de Lima Vaz não propor uma revisão da civilização técnico-científica abre espaço para se realizar uma crítica a seu artigo. Não se pode tirar o mérito e o brilho da iniciativa dele, mas não se pode aceitar totalmente a sua tese.

O problema é que o artigo de Henrique Cláudio de Lima Vaz traz uma visão finalista da história. Ele aceita, com certa pressa e pouca crítica, a ideia de que a civilização técnico-científica é o modelo mais acabado da modernidade; e que, por isso, a modernidade é um modelo civilizatório acabado ou em fase de acabamento.

De certa forma, encontra-se no artigo de Henrique Cláudio de Lima Vaz uma visão de *fim da história*, tal qual foi desenvolvida por Francis Fukuyama²⁶, no século XX. Para ele, o que falta na modernidade é um aprofundamento ético e, quando isso acontecer, a história terá chegado ao fim, e, por conseguinte, o homem terá alcançado o ponto mais pleno de seu aperfeiçoamento.

Vale salientar, como demonstra Perry Anderson²⁷, que a ideia de um *fim da história* remonta ao pensamento de Hegel, pelo qual a consciência, que se materializa na história, tende ao constante aperfeiçoamento até alcançar seu momento de plenitude. Nesse momento, não haverá mais mudanças históricas e o homem poderá finalmente desfrutar de plena realização. Com isso tem-se um *fim da história* e o início de uma espécie de *paraíso terrestre* ou *imamentista*, criado, não por Deus, mas pelo próprio homem. Foi essa promessa profética, um profetismo secular, feita por Hegel que inspirou os teóricos marxistas na construção da ideia de um *socialismo*, ou seja, um momento histórico onde não haverá mais Estado, religião e grandes organizações sociais; apenas existirá o partido socialista e o indivíduo, o qual deverá ser submisso à forma mais perfeita produzida pela história, ou seja, ao próprio partido socialista. Com isso, o socialismo seria o fim messiânico da história anunciado por Hegel. O socialismo é uma versão mais popular do messianismo hegeliano, como esclarece Raymond Aron²⁸, uma espécie de *ópio dos intelectuais* que embriaga a consciência do homem contemporâneo. Um homem que não se satisfaz com a pregação mística oriunda do cristianismo e do judaísmo e que, por isso, busca, no profetismo secular, o profetismo oriundo da modernidade, uma

²⁶ FUKUYAMA, F. *O fim da história e o último homem*. São Paulo: Rocco, 2012.

²⁷ ANDERSON, P. *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

²⁸ ARON, R. *O ópio dos intelectuais*. Brasília: UnB, 1980.

forma de encontrar um sentido para a realidade e, com isso, continuar no processo de avanço da técnica-ciência, rumo ao paraíso terrestre construído pelo próprio homem.

É preciso observar que a ideia de Hegel de um fim da história é uma das grandes teses que orientam os debates filosóficos na modernidade. A proposta messiânica do socialismo, um paraíso puramente e radicalmente material, é de origem hegeliana. O próprio Francis Fukuyama só desenvolveu sua tese do fim da história, porque teve acesso às ideias de Alexandre Kojève²⁹, um dos grandes filósofos do século XX, que fez uma releitura de Hegel, e, com isso, recolocou seus postulados no centro do debate filosófico do século XX. Até mesmo o artigo de Henrique Cláudio de Lima Vaz é influenciado, de alguma forma, pela ideia hegeliana do fim da história.

O problema é que, quando Henrique Cláudio de Lima Vaz aceita a ideia de que a história terá um fim na própria história, ou, como defende *por meio do aperfeiçoamento da civilização técnico-científica*, mesmo sem desejar, ele termina aceitando a tese de Gianni Vattimo. Para Vattimo, a modernidade é um projeto de civilização essencialmente pós-ocidental. Para ele, o Ocidente, enquanto o resultado da soma entre a filosofia e o cristianismo, vive uma constante decadência e caminha para seu fim. Para ele, existem dois grandes motivos para isso acontecer. Primeiro, as formas e estruturas de pensamento que se desenvolveram com a modernidade são essencialmente não cristãs e não religiosas. Desde a separação entre a fé e a razão, promovida em grande medida pela filosofia de Descartes, que são desenvolvidas, no Ocidente, formas de pensar não religiosas. Os grandes debates não versam mais sobre a existência de Deus e sobre outros temas semelhantes. Segundo, as novas formas de organização social não seguem ou então rompem totalmente com os valores tradicionais da sociedade ocidental. Entre essas formas de organização é possível citar, por exemplo, a família homossexual, o uso de drogas, o sexo livre e a prática do aborto. Para Gianni Vattimo³⁰, a sociedade pós-ocidental será marcada por um ateísmo moderado, onde será tolerado um cristianismo não religioso, e será experimentada uma mistura explosiva entre a sociedade técnico-científica e as novas formas de organização social. Com isso, a sociedade pós-ocidental e pós-filosófica finalmente experimentará o fim da história, um fim alicerçado no messianismo secular. Em Gianni Vattimo, a sociedade pós-ocidental construirá o paraíso terrestre profetizado

²⁹ KOJÈVE, A. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

³⁰ VATTIMO, G. *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

por Hegel e que o socialismo e as ideias de Francis Fukuyama não conseguiram realizar.

É justamente a proposta da sociedade pós-ocidental que, mesmo sem desejar, o artigo de Henrique Cláudio de Lima Vaz termina aceitando. Por essa perspectiva a missão de Tomás de Aquino, no século XXI, é ser uma fonte de humanização da sociedade da morte de Deus, da sociedade pós-ocidental e pós-cristã.

O problema que se encontra em Hegel, no socialismo, em Francis Fukuyama, em Gianni Vattimo e chega até Henrique Cláudio de Lima Vaz é uma fé, quase mística e quase religiosa, no poder da modernidade em transformar, por meio de alguma estrutura vinculada à razão, a realidade. A transformação radical do real e, por conseguinte, alcançando os limites ontológicos do fim da história seriam uma prerrogativa da modernidade por meio da técnica-ciência. O problema é que essa perspectiva messiânica trouxe e continua trazendo um amplo conjunto de problemas, sofrimentos e angústias ao homem. Entre esses problemas e angústias é possível citar, por exemplo, guerras, crises econômicas, o vazio existencial, o caos urbano nas cidades, o uso de armas químicas, biológicas e até mesmo da terrível bomba atômica. O fato é que a promessa messiânica do fim da história, endossada por tantos pensadores, não construiu o paraíso terrestre e não religioso, mas trouxe uma série de dores e angústias. Por sua vez, o homem continua à espera de um sentido para a realidade. Essa espera vem desde o mundo antigo e chegou até a modernidade.

Diante desse quadro, qual pode ser, de forma plausível, a contribuição de Tomás de Aquino para a filosofia do século XXI?

É preciso, como observa o Papa Leão XIII, “tentar restituir, com novíssimo ânimo, a clara doutrina de Tomás de Aquino”³¹ e, por conseguinte, é preciso propagar a “áurea sabedoria de Santo Tomás”³². O problema é como fazer essa restituição?

Para tentar encaminhar um debate sobre essa importante restituição apresentam-se cinco estratégias teóricas.

A primeira estratégia é a pesquisa e a investigação da obra de Tomás de Aquino. É preciso, no século XXI, haver um retorno às origens da obra aquiniana. A leitura dos comentadores e de pensadores que se inspiraram no *corpus* tomista para produzirem suas ideias é necessária, mas não pode ser o

³¹ PAPA LEÃO XIII. *Aeterni Patris. Da instauração da filosofia cristã nas Escolas Católicas, segundo a mente de Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico.* op., cit, n. 48.

³² PAPA LEÃO XIII. *Aeterni Patris. Da instauração da filosofia cristã nas Escolas Católicas, segundo a mente de Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico.* op., cit, n. 55.

plano central. A centralidade da discussão deve estar no próprio *corpus* tomista. A obra do Aquinate é um grande manancial de riqueza ôntico e epistemológica. Esse manancial precisa ser explorado diretamente.

A segunda é o salutar debate que deve haver entre a obra de Tomás de Aquino e a filosofia contemporânea. Deve-se continuar buscando, como se fez ao longo do século XX, um debate entre o Aquinate e, por exemplo, o pensamento de Heidegger (o tomismo heideggeriano), a fenomenologia (o tomismo fenomenológico), a filosofia existencial (o tomismo existencialista), a lógica (o tomismo lógico), a filosofia analítica (o tomismo analítico), a linguística (o tomismo linguístico) e o pensamento pós-moderno (o tomismo pós-moderno). Entretanto, esse debate deve ser profundamente crítico. Não se deve aceitar de forma gratuita os erros e ilusões da filosofia moderna, especificamente os erros oriundos do niilismo e do materialismo. Nesse contexto, a obra de Tomás de Aquino deve ser usada como *arma argumentativa* para denunciar e, se possível, corrigir os erros da filosofia moderna. Grande parte dos conflitos, dramas e angústias vividos pelo homem contemporâneo são frutos dos erros do pensamento moderno. Um tipo de pensamento excludente que supervaloriza a razão e a técnica e exclui tudo o que não se enquadra dentro dessas formas de vida.

A terceira estratégia é o fato da segunda metade do século XX e especialmente o início do século XXI terem presenciado uma revisão crítica da negação radical da metafísica e, por conseguinte, da ontologia; é o que foi denominado de *reação ao giro linguístico*³³, cuja reação traz em seu interior, dentre outras coisas, uma possível *virada metafísica*³⁴. Por causa disso, há um retorno, mesmo que gradual e limitado, aos temas tradicionais da metafísica e da ontologia, e, por conseguinte, segundo Gonzales de Gomes³⁵, uma reflexão sobre a dimensão imaterial, ou seja, ontológica, de problemas que envolvem a sociedade contemporânea, como, por exemplo, a informação. Como observa

³³ GAMBOA, S. S. Reações ao giro linguístico: o "giro ontológico" ou o resgate do real independente da consciência e da linguagem. In: *Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/Congresso Internacional de Ciências do Esporte*, 15. E 2., 2007, Recife. Anais... Recife: CONBRACE, CONICE, 2007.

³⁴ BENSUSAN, H. O mundo não é só uma paisagem de atualidades: umas viradas metafísicas e o exorcismo da herança humeana. In: *Trilhas Filosóficas*, Ano II, número 1, jan.-jun. 2009, p. 115-128.

³⁵ GONZALES DE GOMES, M. N. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. In: *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 2, n.1, jan./dez. 2009. p. 115-134.

Carlos R. V. Cirne Lima³⁶, se a linguagem for o único elemento a ser investigado pelo ser humano, visto, portanto, como o elemento fundamental da vida humana, então não existe muita diferença entre os seres humanos, os macacos e as abelhas, pois tanto macacos como abelhas têm um sistema de linguagem sofisticado. É preciso encontrar no ser humano algo mais específico, algo que apenas na espécie humana exista, para, com isso, poder determinar a diferença entre o ser humano e os demais animais presentes na natureza. Esse algo diferente é a busca pela compreensão do invisível, do abstrato e do desconhecido. Nessa perspectiva, a metafísica ganha destaque e valor, ela deixa de ser o saber velho e superado, como desejam várias correntes do pensamento contemporâneo, e passa a ser uma das novidades que vai ajudar a tirar o homem da pura animalidade.

Com relação à possibilidade de haver uma reação ao giro linguístico, Benjamin Noys³⁷ esclarece que tanto na tradição continental quanto na analítica convencionou-se chamar o traço marcante da filosofia no século XX como o *giro ou virada linguística*. Preparada, desde o século XVIII, pelo impulso crítico que progressivamente alçou a questão do acesso humano ao mundo à condição de problema filosófico primeiro, esta virada, contudo, acabou conduzindo a impasses tanto internos quanto externos. Impasses representados, por exemplo, por questões como: até que ponto é possível aceitar a pretensão de fazer uma filosofia inteiramente livre de pressupostos e compromissos ontológicos implícitos? Até que ponto a crítica não passa, hoje, por uma discussão desses pressupostos? Até que ponto pode-se aceitar o caráter paradoxalmente autárquico que está virada, em suas versões extremas, concede à linguagem em relação ao ser? Como evitar, por um lado, a aproximação com um senso comum desprovido de autorreflexividade e, por outro, um construtivismo extremo que arrisca reduzir toda a realidade material ao livre jogo do significante? Por causa disso, cresce na filosofia contemporânea, uma tendência a considerar que a subordinação de toda e qualquer questão filosófica ao tema da relação entre o humano e o mundo não apenas nos faz girar em falso, como nos torna incapazes de dar respostas àquilo que, no presente, exige pensamento: a crise ecológica, o desaparecimento das fronteiras entre a natureza e a técnica, as diferentes dimensões políticas e culturais daquilo que se entende por *vida*, as questões

³⁶ CIRNE LIMA, C. R. V. Sobre macacos, abelhas e a linguagem. In: AZAMBUJA, C. C.; VIERO, C. A.; MELLO, L. F. M.; ROHDERN, L. (Orgs.). *Os gregos e nós: em homenagem a José Nedel*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2009, p. 57-65.

³⁷ NOYS, B. A virada ontológica na filosofia contemporânea. Pucrs: Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2011.

levantadas pela biologia, pela neurociência ou pela física contemporâneas. Saturados de um jogo de espelhos sem nada a refletir, estaremos prontos agora para uma virada ontológica em filosofia? Se esse giro realmente acontecer, deverá não seguir fielmente os passos da metafísica tradicional e, com isso, não haverá um retorno à velha metafísica; mas ele poderá guiar a reflexão filosófica para um novo processo de aprofundamento e ampliação da tarefa reflexiva assumida pela modernidade, e, com isso, poderá haver uma retomada, na sociedade contemporânea, das preocupações metafísicas e ontológicas. No entanto, essa retomada se dará a partir da estrutura filosófica e dos problemas socioculturais atuais.

A questão da retomada da metafísica e da ontologia vem sendo discutida dentro dos círculos filosóficos tomistas desde a década de 1960. Um bom exemplo disso é a proposta realizada por M. Krapic³⁸ de reinterpretar a metafísica tomista a partir da crítica filosófica contemporânea.

A proposta ou a promessa de uma virada ontológica já aparece, por exemplo, no artigo *Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI*, de Henrique Cláudio de Lima Vaz³⁹. Nesse artigo, a virada ontológica aparece como um fundamento para o debate ético sobre a justiça e os direitos fundamentais da pessoa humana.

Tendo como base as ideias de Henrique Cláudio de Lima Vaz e toda a discussão contemporânea que aponta para o esgotamento do giro linguístico, bem como a necessidade salutar de um retorno ao debate sobre os temas metafísicos, afirma-se que o pensamento de Tomás de Aquino deverá ser um dos alicerces do giro ontológico, no século XXI. Um giro que trará para o centro do debate filosófico temas essenciais à vida humana, como, por exemplo, o sentido da vida, Deus, o bem e o fim ético do homem. No entanto, esses temas deverão ser tratados tanto na ótica clássica, por um viés aristotélico-tomista, quanto nas ferramentas da hermenêutica filosófica contemporânea.

A quarta estratégia é a necessidade da obra de Tomás de Aquino estar a serviço de uma crítica séria e sensata à modernidade. É preciso ver que a modernidade não é o fim da história e que, pelo contrário, não representa o *melhor dos mundos*, a melhor sociedade a que o homem pode ter acesso; é preciso, pois, ir além das estruturas de pensamento e das organizações sociais produzidas pela modernidade. Se a modernidade produziu, por exemplo, um

³⁸ KRAPIEC, M. Pour une interprétation contemporaine de la métaphysique thomiste. In: *Miscellanea Mediavalia*, 2, 1963, p. 342-352.

³⁹ LIMA VAZ, H. C. Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI. op., cit, p. 240; 258.

homem vazio, desencantado, ateu, que vive uma vida simplesmente materialista, em busca de uma nova organização familiar, muito provavelmente a família homossexual, é preciso ir além desse tipo de organização. É preciso reencantar o homem e a sociedade e mostrar ao homem que existe vida além da pura materialidade, demonstrar que é possível outra organização social, sem a dominação da técnica-ciência e sem a opressão das ideologias e do consumismo irresponsável. Nesse sentido, a obra de Tomás de Aquino tem muito a oferecer. Ela é uma obra que está aberta ao infinito e à transcendência. Não é, no entanto, uma obra fechada dentro da história e da vida material. O Aquinate poderá contribuir para uma crítica saudável à modernidade, e, por conseguinte, pensar em outro modelo social em que o ser humano realmente seja valorizado.

A quinta e última estratégia e a crise da civilização moderna. O século XXI, como demonstra Dierckxsens Wim⁴⁰, iniciou com as sequelas dos séculos anteriores. Entre essas sequelas é possível citar, por exemplo, as guerras, a fome, a alienação causada pela mídia, as propostas autoritárias de governo e do Estado. Em síntese, a grande crise do século XXI é a falta de um projeto ético e humanizador. Por incrível que pareça no século XXI uma árvore tem mais valor que uma vida humana; não é que se está tirando o valor das árvores e das demais espécies presentes na natureza, mas, por outro ângulo, é preciso enfatizar o valor da dignidade da pessoa humana. É essa dignidade que, desde o século XIX, passando pelos campos de concentração do nazismo ou então pelos terríveis campos de reeducação do socialismo, vem sendo sistematicamente esvaziada e ignorada. Apostar em um aprofundamento dos ideais e valores da modernidade, como fazem, entre outros, Gianni Vattimo e Henrique Cláudio de Lima Vaz, é aprofundar ainda mais o esvaziamento da dignidade da pessoa humana. Por isso, é preciso uma crítica à modernidade, que possa conduzir a filosofia a repensar um projeto ético para a humanidade, que tenha a dignidade humana como meta e centro a ser atingido.

Nesse sentido, a obra de Tomás de Aquino é de suma importância. Tomás não é um desses pensadores contemporâneos que desejam e pregam o abandono de toda e qualquer forma de moralidade. Pelo contrário, em Tomás, a ética, alicerçada pela metafísica, torna-se a meta que o homem deve, dia após dia, lutar para atingir. Em Tomás de Aquino, não é possível se pensar em campos de concentração, em armas de destruição em massa, em regimes autoritários (socialismo, nazismo, etc.), em um mundo desencantado e em um homem esvaziado das utopias. Tomás é o pensador da beleza, da poesia, do

⁴⁰ WIM, D. *Século XXI: crise de uma civilização*. São Paulo: Cepec, 2010.



bem e de Deus. Ele é o pensador de todas as coisas boas a que o homem pode ter acesso e, de alguma forma, pode contribuir para sua efetivação. Se o século XXI deseja ser um século diferente, um século com mais harmonia, com mais beleza e mais presença da divindade, então um dos pensadores, por excelência, desse século é Tomás de Aquino.

Por fim, afirma-se que as palavras e reflexões que foram produzidas nesse artigo não esgota o debate sobre o papel de Tomás de Aquino no século XXI, pois muito mais pode ser dito e refletido. No entanto, apenas a efetivação desse século pode dizer, com certo teor de verdade, qual é a real missão que a obra de Tomás de Aquino vai exercer nesse século.